

Opinião / Artigos



Artigos

Colunistas convidados escrevem para a editoria de Opinião do GLOBO.

É preciso desconstruir narrativas do pânico

Parte da população brasileira vive amedrontada por realidades paralelas

Por Jacqueline Pitanguy

05/04/2023 00h02 · Atualizado há 5 dias



Fake news sobre vacinas foram usadas para transmitir medo à população — Foto: Márcia Foletto

Menina, eu costumava passar férias na fazenda de um tio em Minas Gerais. À noite, as crianças ouviam histórias de assombração e lobisomem contadas por um vaqueiro. Por ser um homem adulto e destemido, não duvidava de sua palavra. O medo me invadia, e eu vivia a realidade paralela de um mundo assombrado.

Ao longo dos últimos anos, construiu-se no Brasil uma narrativa poderosa, que incute o medo coletivo no seu limite extremo. A construção deste tipo de narrativa é estratégica e tem o objetivo de deslocar o debate político do campo democrático do contraditório para um modelo binário — dividido entre defensores da pátria, da família, das crianças, da civilização cristã ocidental, da religião e os que são classificados como perigosos agentes da destruição a serem aniquilados, representados por esquerdistas, ambientalistas, movimentos feministas, movimentos antirracistas, LGBTQIA+, povos **indígenas**, defensores de direitos humanos e de instituições democráticas entre outros...

Estas narrativas repetem de forma estridente e constante que templos e igrejas serão queimados, que o comunismo destruirá a propriedade privada, que meninos vão virar meninas devido a uma chamada ideologia de gênero que não sabemos o que é, que armas protegem a liberdade, o que é mais perigoso que lobisomem.

Ameaças e assombrações constantes espalham a insegurança, o pânico, a descrença no Estado Democrático de Direito, em suas instituições, no sistema eleitoral, na imprensa, no governo legitimamente eleito e empossado, vistos como incapazes de defender a população deste mal disperso e assustador. E advogam um populismo messiânico e autoritário, que lhes ofereceria segurança contra estes males.

Esta estratégia exitosa ao introduzir o assombro no espaço do debate político é própria da extrema direita radicalizada e inclui todos os níveis educacionais e classes sociais, gerando polarização, intolerância, ódio e uma disfunção cognitiva coletiva alimentada em bolhas virtuais ou reais, como nos acampamentos, e que está diretamente ligada aos acontecimentos deploráveis de 8 de janeiro.

Estrategistas, financiadores e apoiadores por leniência ou omissão dos muitos eventos de subversão e terrorismo que se estenderam ao longo dos últimos anos, culminando com o ataque na Praça dos Três Poderes em Brasília, instrumentalizam esta dissonância cognitiva coletiva como massa de manobra para seus objetivos políticos. Uma parcela significativa dos acampados pelo país — e daqueles que, como num espelho reverso, se vestiram de pátria e marcharam para destruir os alicerces desta mesma pátria — estava, e continua a estar, imbuída deste medo assombrado que traz um sentido de missão salvacionista a sua fúria destrutiva. Semear este tipo de pânico, por meio de fake news e discursos ideológicos, atenta contra o direito à saúde mental e física e ao bem-estar de mulheres, homens e crianças — um bem a ser protegido pelo Estado.

Desconstruir estas narrativas do pânico é urgente e necessário porque o lugar de lobisomem, mula sem cabeça e assombração é na ficção e não cabe na reconstrução do debate plural e democrático de nosso país.

**Jacqueline Pitanguy, socióloga e fundadora e coordenadora executiva da Cidadania, Estudo, Pesquisa, Informação e Ação, foi presidente do Conselho Nacional dos Direitos da Mulher*